

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 9 | Nº 25 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5768218>



NOTAS ACERCA DO CONSERVADORISMO

*Michel Goulart da Silva**

Resumo

Neste ensaio discute-se alguns dos elementos teóricos e históricos que constituem o conservadorismo. Procura-se analisar como se dá a manifestação dessas ideias na sociedade e sua postura em relação a transformações em diferentes esferas. Utiliza-se, para tanto, uma bibliografia que reúne referencial teórico pertinente ao tema, identificando a permanência dessas ideias nas últimas décadas no Brasil.

Palavras chave: Capitalismo. Conservadorismo. Modernização.

Abstract

This essay discusses some of the theoretical and historical elements about conservatism. The aim of this study is to analyze how these ideas are manifested in society and their stance in relation to social transformations. For this purpose, a bibliography review has been used in order to bring together the theoretical framework relevant to the theme, identifying conservatism permanence in Brazil in recent decades.

Keywords: Capitalism. Conservatism. Modernization.

Nos últimos anos houve um grande crescimento de manifestações conservadoras, seja em movimentos políticos, seja no parlamento, seja em diferentes governos. Observa-se em todo o mundo discursos contrários a mudanças na sociedade, assumindo, para tanto, até mesmo posturas racistas, machistas e homofóbicas. Combate-se de forma aberta correntes políticas e ideias que propõe mudanças, como é o caso da perseguição de governos contra o que chamam de “marxismo cultural” (SILVA, 2020).

O fenômeno conservador não é uma novidade na história das ideias políticas. Em uma definição simples, os fenômenos conservadores estão ligados “à pretensão de manter intacta, de conservar, portanto, de rejeitar o novo e o apelo à mudança, visto como riscos à ordem instituída” (SILVA, 2010, p. 53). Certamente, essa delimitação é fluida e pouco precisa, na medida em que esses fenômenos são plurais e multiformes e, principalmente, caracterizam-se por práticas que muitas vezes engendram ideias e representações fortemente enraizadas nas diferentes sociedades. Contudo, se remete invariavelmente a, por exemplo, setores da sociedade que combateram as revoluções burguesas e defenderam a manutenção das estruturas feudais, a ações de perseguição a ideologias como o anarquismo e o marxismo, ou então movimentos e partidos associados ao fascismo ao longo do século XX.

* Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal Catarinense (IFC). Este artigo retoma e aprofunda discussões realizadas anteriormente em Silva (2012). E-mail para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



O fenômeno conservador se constituiu como corpo de ideias ou doutrinas, ou seja, de ideologias, ou na forma de práticas de coerção ou repressão. Para Antônio Pierucci (1999, p. 18), o conservadorismo é “um projeto de sociabilidade antagonista do projeto da modernidade ilustrada”. Os eventos tidos como marcos do nascimento da Modernidade, como as revoluções econômicas e sociais do século XVIII, desde seu início enfrentaram alguma forma de oposição ou de resistência, que se manifestou em um conjunto de ideias que defendiam a permanência total ou parcial das estruturas da sociedade então existente ou que, embora entendendo a necessidade de melhoria da sociedade, se opunham à radicalização dessas transformações ou a formas violentas de conquistá-las. Com isso, é possível incluir na terminologia ampla *conservadores*, no contexto das revoluções burguesas na Europa, o pensador e político Edmund Burke, uma parcela dos escritores românticos do século XIX ou os próprios setores contrarrevolucionários, como a nobreza e o clero. Assim, o conservadorismo constitui

uma resposta às teorias progressistas (modernas) que se distanciam da visão tradicional sobre o homem; no lugar desta, a ideia da história humana enquanto um processo aberto e pleno de possibilidades para o autodomínio do homem sobre a natureza e uma maior compreensão de si mesmo, tendo como núcleo central não mais a religião e os costumes tradicionais, mas o indivíduo que age racionalmente (SILVA, 2010, p. 54).

Em suas primeiras manifestações, o conservadorismo não se resume a uma ideologia de direita, mas pode ser definido como relação social que inclui práticas e representações e que tanto defende a conservação da sociedade como pode se insurgir contra “excessos” das forças vistas como “progressistas”. Essas formas conservadoras “se constituem e se difundem no campo metapolítico das relações sociais quotidianas, dos modos e estilos de vida e da luta cultural” (PIERUCCI, 1999, p. 18). Essa é uma formulação *política* para o fenômeno, que se insere no âmbito dos embates entre posições contraditórias. Nesse sentido, pode ser visto como um conjunto de manifestação de resistência a mudanças econômicas, sociais e políticas. Em muitos casos, reivindica valores, crenças ou ideias tradicionais, mobilizando símbolos religiosos, como ocorreu com o integralismo no Brasil.

O conservadorismo se opõe ao processo de *modernização*, aqui no sentido apontado por Berman (1986, p. 15), enquanto processos sociais que dão vida a um “turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”. Um dos exemplos disso é uma parcela dos escritores românticos que, no final do século XVIII e início do XIX, se levantaram contra o capitalismo que começava a se consolidar, defendendo inclusive formas pré-capitalistas de organização da sociedade. Um desses setores que se levantaram contra a modernização foi o político Edmund Burke, que, preocupado com a supressão dos “antigos costumes e regras da vida”, dizia: “nossos costumes e



nossa civilização, e todas as boas coisas que deles decorrem, dependem há séculos, na Europa”, do “espírito de cavalheirismo” e do “espírito de religião” (BURKE, 1982, p. 102).

Outra possível manifestação de conservadorismo passa pelo que poderíamos chamar de fatores *sociais* ou *econômicos*, na medida em que se trata de elementos que não se pretendem antimodernos, mas que, fazendo parte da modernização capitalista, se colocam contra qualquer forma de ruptura. Para esse conservadorismo, há a necessidade de desenvolver e modernizar a sociedade, superando o que se considera como males do capitalismo. Mas essa ideologia é a expressão de um pensamento abertamente elitista, pragmático e contrarrevolucionário. Um dos termos para referir-se a alguns dos processos relacionados a essa forma de ideologia é o de “modernização conservadora” ou “modernização através de uma revolução vinda de cima”. Em seu estudo clássico acerca do assunto, Barrington Moore Jr (1983, p. 01) “pretende explicar os diversos papéis políticos desempenhados pelas altas classes terratenentes e pelos camponeses na transformação das sociedades agrárias (...) em sociedades industriais modernas”. Nesse processo, segundo o autor,

os mais bem-sucedidos dos regimes conservadores fizeram muito, não só ao destruírem a ordem antiga, mas ao estabelecerem a nova ordem. O Estado auxiliou a construção industrial de diversos modos importantes. Serviu de motor de acumulação no capitalismo primitivo, compilando recursos e dirigindo-os para a construção de fábricas. Dominando a mão de obra, também desempenhou um papel importante, de modo algum inteiramente repressivo (MOORE JR, 1983, p. 434).

3

O conceito de “modernização conservadora” pode servir para definir diferentes experiências de transformação econômica e social, tanto aquelas pesquisadas pelo autor, como Japão e China ou a experiência fascista na Itália, como o caso, por exemplo, do Brasil, no qual o sociólogo Florestan Fernandes se remete a “revolução burguesa” a um processo de transformação em diferentes esferas feito pelo Estado (SILVA, 2013). Embora em suas tipologias Barrington Moore Jr procure relativizar o papel repressivo dessa forma de modernização, no caso brasileiro esse processo, apesar de alguns lapsos frágeis de democracia, deu-se fundamentalmente por meio de duas ditaduras, entre 1937 e 1945 e entre 1964 e 1985.

Nesse processo, os governantes, fossem civis ou militares, atuaram no sentido de elaborar e reproduzir ideologias conservadoras e engendrar práticas repressivas, enquanto alcançavam elevados índices de crescimento econômico e fortaleciam a infraestrutura industrial (SILVA, 2011). Portanto, esse tipo de desenvolvimento pelo qual a burguesia brasileira optou passou, por um lado, pelo retraimento da democracia e pela extrema exploração da força de trabalho e, por outro, pela intervenção estatal na economia e por uma política centrada no desenvolvimento do Brasil como país



que poderia alcançar um papel de destaque dentro do bloco encabeçado pelos Estados Unidos (SILVA, 2021).

O conservadorismo deve ser entendido, portanto, como um fenômeno contraditório e plural, cujas manifestações não seguem um esquema definido ou uma lógica estabelecida, mas que, partindo das contradições de cada realidade específica, produzem processos particulares. Essas particularidades, contudo, não devem levar a se considerar esses fenômenos como isolados, na medida em que, seja como imaginário social, seja como articulação política nacional ou internacional, seja como tradição cultural, esses fenômenos podem se misturar e se intercalar, produzindo mobilizações ou fenômenos ideológicos completamente novos, a cada conjuntura ou situação nacional específica.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução Francesa**. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- MOORE JR, Barrington. **As origens sociais da ditadura e da democracia**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SILVA, Antônio Ozaí. “O pensamento conservador”. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano IX, nº 107, abril 2010.
- SILVA, Michel Goulart da. **Brasil no tempo presente**. Boa Vista: Editora IOLE, 2021.
- SILVA, Michel Goulart da. “Os militares brasileiros e a ‘grande mentira’”. *In*: SOUSA, Fernando Ponte de.; SILVA, Michel Goulart da. (orgs.). **Ditadura, repressão e conservadorismo**. Florianópolis: Em Debate/UFSC, 2011.
- SILVA, Michel Goulart da. “O partido político em Florestan Fernandes”. **Em Debate**, n. 8, 2013.
- SILVA, Michel Goulart da. “Pensamento conservador e modernidade”. **Temáticas**, vol. 20, n. 39, 2012.
- SILVA, Michel Goulart da. “Reflexões sobre o marxismo cultural”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 9 | Nº 25 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima